

La Comédiathèque

Uma
vocaçãõ
frustrada

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Uma Vocação Frustrada

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Ariel, uma jovem estudante, tem uma entrevista com o diretor da Academia de Belas-Artes de Viena, que deverá decidir sobre a sua candidatura. Mais de um século antes, o diretor da época, Christian Griepenkerl, rejeitou a de um certo Adolf Hitler. Uma vocação frustrada que, indiretamente, desencadearia as consequências desastrosas que todos conhecemos. Poderá uma decisão aparentemente trivial, ao modificar um destino individual, mudar o curso da História? Nunca o saberemos... a menos que possamos recuar no tempo e experimentar os efeitos de outra escolha. Esta tragicomédia levanta, com humor, as questões fundamentais que sempre obcecaram a Humanidade.

Personagens:

Ariel

Diretor

© La Comédiathèque

Cena 1

O gabinete do diretor da Academia de Belas-Artes de Viena, na Áustria. Ouve-se uma melodia de valsa vienense como música de fundo. Ariel Tannenbaum entra. É uma jovem vestida de forma bastante masculina, e um gorro esconde o seu cabelo ruivo. Debaixo do braço, traz uma pasta com desenhos. Visivelmente impressionada, observa o local. A sala está mobilada ao estilo antigo, mas um computador ocupa o centro da secretária. Na parede do fundo, está pendurado um quadro de Egon Schiele. A um lado, há um espelho que não reflete a sala. Ariel admira o quadro de Schiele. A música vai-se apagando pouco a pouco. O telemóvel de Ariel toca, e ela atende.

Ariel (*irritada*) – Sim, mãe... Não, não me esqueci da minha entrevista de hoje. Não corria o risco de me esquecer, não preguei olho a noite inteira... E já me ligaste vinte vezes para me lembrar... Sim, estarei aí para o shabbat, como sempre... Ouve, agora não posso falar, estou precisamente no gabinete do diretor e ele deve chegar a qualquer momento... Sim, já sei que o Hitler chumbou duas vezes no exame de admissão à Academia de Belas-Artes de Viena. Isso também já me disseste vinte vezes... Prometo que vou tentar ser admitida à primeira... E, se não conseguir, prometo que não vou invadir a Polónia. Agora tenho de desligar... Sim, ligo-te quando sair... Também te amo...

Guarda o telemóvel. A música volta a tocar. Começa a caminhar de um lado para o outro. Olha-se ao espelho e ajeita-se. Senta-se. Espera um momento, olha para o relógio e, finalmente, tira uma folha em branco da pasta de desenhos. Olha-se ao espelho e desenha um autorretrato. Guarda o desenho na pasta. Acaba por adormecer na cadeira. A música para.

Escuridão.

Cena 2

Luz.

O cenário não mudou, mas o computador desapareceu e o quadro de Egon Schiele foi substituído por um retrato do imperador Francisco José I. Ariel acorda. Percebe que o quadro mudou. Está obviamente surpreendida, mas mal tem tempo de reagir, pois Christian Griepenkerl entra em cena. É um homem de cerca de sessenta anos, vestido com a elegância típica do início do século XX. Usa um fato de três peças e um sobretudo. Na cabeça, um chapéu-coco e, na mão, uma bengala.

Diretor – Peço desculpa pela demora. A minha carruagem perdeu uma roda e tive de terminar o trajeto a pé.

Ariel levanta-se da cadeira.

Ariel – Bom dia, senhor...

Diretor – O trânsito nas ruas de Viena está cada vez mais perigoso. Sobretudo desde a chegada desses novos automóveis. Já era difícil a convivência entre as carruagens puxadas por cavalos e os elétricos... Nunca compreenderei essa obsessão das pessoas por querer mudar tudo... Não acha?

Ariel – Não sei...

Christian, ocupado a tirar o sobretudo e o chapéu-coco para os pendurar num cabide, mal lhe presta atenção.

Diretor – E você é...?

Ariel – Ariel. Ariel Tannenbaum.

Christian senta-se atrás da secretária e dá uma vista de olhos a um papel que tem à sua frente.

Diretor – Ora, esse não é o nome que estava na minha lista... Ariel... (Finalmente olha para ela.) Mas... você é uma mulher!

Ariel – Ehm... Sim, e então?

Diretor – E então?! Mas, minha senhora... As mulheres não podem candidatar-se ao exame de admissão na Academia de Belas-Artes de Viena!

Ariel – Isto é uma piada, não é?

Diretor – Ariel... Como o seu nome é um pouco... ambíguo, a minha secretária deve não ter reparado.

Ariel – Ambíguo...? Sim, lamento, é um nome judeu.

Diretor – Ah, além disso, é judia?

Ariel – Não me diga que os judeus também não podem candidatar-se ao exame de admissão na Academia.

Diretor – De qualquer forma, as mulheres não podem, repito. E devia sabê-lo... Teríamos evitado a ambos uma perda de tempo desnecessária...

Ariel – Vamos, isto é absurdo... Então as mulheres não podem ser pintoras? Não posso acreditar! *(Irônica)* Ora, em que ano estamos?

Diretor – Estamos em 1907, minha senhora... Também não sabe?

Ariel – Em 1907...? *(Um sorriso surge-lhe nos lábios.)* Já percebo... Isto é para um programa de televisão com câmara oculta, não é?

Diretor – Televisão? O que é isso?

Ariel – E onde está a câmara?

Levanta-se e dá alguns passos pela sala à procura de uma câmara.

Diretor – Mas, minha senhora, estamos em outubro de 1907. *(Pega num calendário que está na sua secretária e mostra-lho.)* Como pode ver, está escrito neste calendário.

Ariel olha para o calendário, atónita.

Ariel – Em 1907? Não pode ser!

Diretor – Parece um pouco perturbada... Quer um copo de água?

Ariel tenta recuperar a calma e olha à sua volta.

Ariel – Não entendo... Quando cheguei aqui, havia um quadro de Egon Schiele nessa parede.

Diretor – Egon Schiele? Que ideia tão estranha... Sim, é meu aluno, de facto. Mas nunca penduraria um dos seus quadros no meu gabinete. Não passa de um simples estudante. Mal tem dezassete anos! E o seu estilo não é, de forma alguma... académico.

Ariel – Académico?

Diretor – Um estilo decadente, se preferir... Infelizmente, muito na moda hoje em dia. Mas não durará, acredite em mim. Schiele, como tantos outros, sofre a má influência daquele patife do Klimt.

Ariel – Klimt? Gustav Klimt? Também o conhece?

Diretor – Cruzei-me com ele em frente ao seu ateliê quando vinha para cá. Nem sequer me cumprimentou... Claro, quase o atropeli. A minha carruagem perdeu uma roda, já lhe disse, e acabou por subir para o passeio.

Ariel – Quase atropelou Gustav Klimt?

Diretor – Lamento não o ter feito... Essa... secessão é apenas uma moda. Dentro de alguns meses, ninguém falará mais dela, verá.

Ariel – Tem a certeza...?

Diretor – Esse Egon Schiele nunca terá carreira, pode acreditar. Pelo menos, não como pintor... Talvez como decorador de interiores... Não, todos esses jovens artistas fariam bem em seguir o exemplo dos seus ilustres predecessores, como eu próprio fiz.

Ariel – Os seus predecessores? Refere-se a...

Diretor – A Eisenmenger, por exemplo...

Ariel – A quem?

Diretor – *August Eisenmenger!* Não o conhece?

Ariel – Não...

Diretor – Já lhe chamam o Rubens austríaco! Ao menos já ouviu falar de Rubens, certo?

Ariel – Claro. Acha que sou idiota?

Diretor – Bem, mas nem sei porque estou a ter esta conversa consigo.

Ariel – Pois, eu também não... Especular sobre o futuro do jovem Egon Schiele com o seu velho professor, de quem nem sequer sei o nome. Agora que penso nisso, quem é o senhor exatamente?

Diretor – Mas, minha senhora, sou *Christian Griepenkerl*, o diretor da Academia de Belas-Artes de Viena!

Ariel – Então... Estamos mesmo em 1907...?

Diretor – Tem a certeza de que não quer um copo de água?

Ariel – Estou bem... No fim, vou acordar e este pesadelo chegará ao fim.

Diretor – Ficaré aqui cinco minutos e depois pedir-lhe-ei que saia. Tenho outros candidatos para receber, sabia...?

Ariel – Outros candidatos?

Ariel lança um olhar à folha que ele tem à sua frente.

Diretor – De facto, não vejo o seu nome na minha lista... Pensava que você era...
(Consulta a lista) *Adolf Hitler.*

Ariel – *Adolf Hitler...?*

Diretor – É com ele que eu tinha uma reunião... para decidir sobre a sua candidatura.

Ariel – Diga-me que isto não é verdade...

Diretor – Deve estar a chegar a qualquer momento. Mas parece surpreendida... Deve ter mais ou menos a sua idade. Conhece-o?

Ariel – *Adolf Hitler...?* Sim, já ouvi falar dele.

Christian pega num dossiê que está sobre uma pilha.

Diretor – Um jovem alemão um pouco iluminado que se julga um génio da pintura. Tenho aqui o seu dossiê... (*Abre o dossiê e dá uma vista de olhos aos desenhos que contém.*) Não desenha mal de todo os edifícios... mas claramente não tem qualquer talento para o retrato. E não tem a menor noção de anatomia. (*Continua a observar os desenhos.*) Não, é absolutamente incapaz de representar com naturalidade uma figura humana. Deveria dedicar-se à arquitetura... (*Empurra o dossiê na direção dela.*) O que acha?

Ariel olha para os desenhos, estupefacta.

Ariel – Isto foi mesmo desenhado por ele...?

Diretor – Se esse pobre rapaz pagou a alguém para fazer estes desenhos infantis por ele, então é ainda mais estúpido do que parece.

Ariel (*observando os desenhos*) – É incrível... A tinta ainda está fresca...

Diretor – Não, este Adolf Hitler também não ficará para a posteridade, isso é certo.

Ariel – Pelo menos, não como pintor...

Diretor – Então concorda comigo... Não tenho outra escolha senão recusar a sua candidatura.

Ariel (*muito apressadamente*) – Não faça isso!

Diretor (*surpreendido*) – Como...?

Ariel tenta recuperar a calma.

Ariel – Estes desenhos não são assim tão maus, afinal de contas...

Diretor – Acha mesmo...?

Ariel – Não sei... Parece-me que têm... qualquer coisa. E, desta vez, não pode dizer que o seu estilo não seja académico.

Christian volta a olhar para os desenhos.

Diretor – É muito clássico, de facto, mas... académico não significa desprovido de sensibilidade. Não, decididamente... São de uma extrema planura... Não há alma nestes desenhos...

Ariel – O traço é bastante preciso, isso sim.

Diretor – Para as paisagens, sim. Demasiado preciso, até. Parece uma fotografia. Já ouviu falar daquela nova invenção dos irmãos Lumière? O autocromo...

Ariel – *Autocromo...?*

Diretor – Fotografia a cores, se preferir. A fotografia é uma invenção diabólica. Acabará por matar a pintura. E, no entanto, não há humanidade nessas imagens. Qualquer idiota pode carregar no botão de uma câmara. Mas isso não o transforma num pintor.

Ariel – É o progresso... e não se pode travar.

Diretor – Um dia, verá como vão acabar por inventar máquinas que pensem por nós...

Ariel – Não está assim tão longe da verdade.

Diretor – Então, que encanto encontra nestes rabiscos?

Ariel – É um pouco ingénuo, isso é certo... Mas poderia melhorar... Com bons professores...

Diretor – Infelizmente, minha senhora, o talento não se aprende. Pode-se aperfeiçoar a técnica, claro, mas se não se tem fibra artística... O que faz um pintor não é a destreza. É o olhar. E acredite em mim, este Adolf Hitler não tem nenhuma visão...

Ariel – No entanto, quer ser pintor a todo o custo... E, às vezes, é perigoso frustrar uma vocação...

Diretor – Perigoso? Perigoso para quem?

Ariel – Pode sentir uma certa frustração. Ou até um certo rancor...

Diretor – Nada o impedirá de continuar a pintar aos domingos, para relaxar depois de uma semana de trabalho. Poderá pendurar os seus quadros na sua sala, se lhe apetecer. Ou oferecê-los à família e aos amigos pelo Natal ou pelo aniversário. Mas aqui estamos a falar de entrar na mais prestigiada Academia de Belas-Artes do Império Austro-Húngaro. E talvez do mundo. Não posso alimentar nesse pobre rapaz a ilusão de que tem o mais pequeno futuro como pintor. Não, acredite, não lhe faria nenhum favor.

Ariel – Mas faria um favor inestimável a toda a Humanidade, garanto-lhe.

Diretor – Não percebo uma única palavra do que está a dizer, minha senhora...

Ariel – O senhor diz que estes desenhos não têm sentimento. Então, permita-me, por minha vez, pedir-lhe que demonstre um pouco de humanidade, senhor Greenspan.

Diretor – *Griepenkerl. Senhor Griepenkerl.*

Ariel – Um aluno a mais ou a menos, que diferença faz para si?

Diretor – O número de alunos que podemos aceitar nesta Academia é limitado, minha senhora. A diferença é que ele ocuparia o lugar de outro candidato muito mais talentoso e merecedor do que ele.

Ariel – E se lhe pedir como um favor pessoal...?

Diretor – E por que razão haveria eu de lhe fazer um favor? É sua namorada, por acaso? Veio aqui defender a sua causa?

Ariel – Não, não sou sua namorada...

Christian examina novamente o dossiê.

Diretor – Veja, até incluiu no seu dossiê algumas postais da sua autoria. Cartas que vende na rua para ganhar a vida. E para pagar a renda do seu sótão, segundo diz. Sem dúvida, para me comover...

Ariel – Pelo menos, isso demonstra a sua motivação... Dizem que Van Gogh não vendeu um único quadro em vida. Hitler, pelo menos, já vende postais...

Diretor – *Van Gogh...?* Nunca ouvi falar dele...

Ariel – Acredite, dentro de alguns anos falar-se-á muito dele.

Christian examina um desenho em particular.

Diretor – Não, a sério, este rapaz não tem qualquer sensibilidade artística. É como se a própria noção de estética lhe fosse completamente alheia. Diria até que... há algo de inquietante nesta meticulosidade desajeitada... Algo doentio. Veja com que obsessão minuciosa desenhou o muro desta casa burguesa. Aposto que, se o comparássemos com o modelo, encontraríamos exatamente o mesmo número de tijolos. Este tipo pinta como um contabilista. Tudo está lá. As contas batem certo, mas o quadro é horrivelmente mau. Mas já que está aqui, mostre-me a sua pasta...

Ariel – Não sei se...

Diretor – Vamos, não seja tímida... Já lhe disse que as mulheres não podem candidatar-se, mas pelo menos posso dar-lhe uma opinião pessoal. Como um conselho amigo...

Ariel – De acordo...

Ariel estende-lhe a sua pasta de desenhos, ele abre-a e observa as suas obras. Ariel vigia a sua reação com uma certa apreensão.

Diretor – O estilo não é muito convencional, é verdade...

Ariel – Mas...?

Diretor – Há que reconhecer que tem um bom traço.

Ariel – Então... teria aceite a minha candidatura... se eu não fosse mulher? E, além disso, uma mulher judia...

Diretor – Não faz sentido debater isso, mas... quem sabe.

Ariel – Os tempos mudam, sabia? Daqui a alguns anos, talvez as mulheres sejam admitidas na Academia de Belas-Artes de Viena.

Diretor – E por que não lhes dar também o direito de voto...?

Ariel – Pois sim... Por que não?

Diretor – Meu Deus... Espero não estar aqui para ver isso...

Ariel – Não estará, não se preocupe.

Diretor – Ah, sim...?

Ariel – Então, acha que os meus desenhos são bons?

Diretor – Melhores do que os de Adolf Hitler, em qualquer caso... Se quiser, posso recomendar-lhe um professor particular. Há muito bons em Viena.

Ariel – Veja, senhor, neste momento não me preocupa o meu destino pessoal, mas sim o de toda a Humanidade. E tenho boas razões para acreditar que deveria aceitar a candidatura do jovem Hitler.

Christian parece atónito.

Diretor – O destino da Humanidade? A sério acha que, ao recusar este imbecil e deixá-lo a vender postais, estarei a privar a história da arte de um génio da pintura?

Ariel – Frustrar uma vocação é assumir uma grande responsabilidade...

Diretor – Não acha que está a dramatizar um pouco...? Todos os anos são rejeitados montes de candidatos... e a Terra continua a girar.

Ariel – Sim, mas ele... Se rejeitar a sua candidatura... pode acabar por fazer uma loucura, garanto-lhe.

Diretor – Como suicidar-se, quer dizer? Aviso-a de que não cedo a chantagens.

Ariel – Não, não suicidar-se, infelizmente. Pelo menos, ainda não...

Diretor – Então, por que razão haveria de aceitar nesta prestigiada Academia este pintor de domingo?

Ariel – E se lhe dissesse que este rapaz, se não se tornar pintor, lançará o mundo no caos e provocará a morte de quase cem milhões de pessoas?

Diretor – Diria que, ou está a gozar comigo, ou é louca. E em qualquer um dos casos, pedir-lhe-ia que saísse.

Ariel – Não estou a gozar consigo, senhor Greenberg.

Diretor – *Griepenkerl. Senhor Griepenkerl.*

Ariel – E, antes de mais, como poderia saber o que acontecerá a este rapaz se não for aceite nesta Academia? É vidente? Conhece o futuro? Acha-se Nostradamus?

Ariel hesita um instante antes de responder.

Ariel – Sei que é difícil de acreditar, mas... venho de outra época.

Diretor – Outra época? Ora essa...

Ariel – Nasci exatamente um século depois. Em 2007.

Diretor – Em 2007. Pois claro.

Ariel – O que posso fazer para o convencer?

Diretor – Convencer-me de que é uma viajante no tempo? Como no romance fantástico daquele jovem escritor inglês que está tão na moda ultimamente...

Ariel – Que romance?

Diretor – *A Máquina do Tempo*, de Wells. Leu-o e deixou-se levar, não foi?

Ariel – Digo-lhe que venho do futuro! É muito importante que acredite em mim...

Diretor – Então, na sua época, já existem máquinas para viajar no tempo?

Ariel – Não... Talvez um dia, mas ainda não...

Diretor – Então, como teria chegado até aqui? Até 1907...?

Ariel – Não faço ideia... e é precisamente isso que me preocupa. Porque também não sei como voltar ao meu tempo. E a minha mãe está à minha espera amanhã, para o shabbat...

Diretor – A sua mãe...

Ariel – Sim, a minha mãe! Se eu não lhe ligar dentro de uma hora, de certeza que chama a polícia.

Diretor (*irónico*) – A polícia de fronteiras, quer dizer...? As fronteiras do tempo...?

Ariel – Acha que estou com humor para piadas?

Diretor – Não sei, sinceramente... Talvez esteja a sonhar.

Ariel – Sim, também já pensei nisso. Mas, nesse caso, o senhor também seria apenas um sonho... já que faz parte deste sonho.

Diretor – Está a confundir-me seriamente, minha senhora. Antes de a conhecer, toda a gente me considerava um homem razoável. Até demasiado razoável, segundo alguns dos meus contemporâneos. E agora aqui estou eu, a discutir viagens no tempo com uma jovem que poderia ser minha neta...

Ariel – Ou talvez seja o senhor quem está a sonhar, e eu apenas me intrometi no seu sonho...

Diretor – Ou talvez estejamos ambos a sonhar o mesmo. E tudo isto não passe de uma ilusão.

Ariel – Como uma peça de teatro, de certa forma, em que ambos seríamos os atores.

Diretor (*cético*) – Uma peça de teatro...? De onde tira essas ideias?

Ariel – Se, como dizem alguns, a vida não passa de um sonho, não será essa a própria definição da existência? Milhares de milhões de pessoas a partilhar o mesmo sonho até o confundirem com a realidade.

Diretor – O mesmo sonho... ou o mesmo pesadelo.

Ariel – Falta saber o que significa o nosso sonho. Desde que signifique o mesmo para si e para mim, claro...

Diretor – O que quer dizer?

Ariel – Como jovem pintora principiante, sonho em salvar o mundo... mudando o curso da História. O senhor, como velho pintor académico, sonha em salvar a História, ou pelo menos a história da arte, garantindo que nada muda, especialmente a forma de pintar.

Diretor – Acho que está a delirar... Deveria procurar aquele doutor Freud, de quem tanto se fala ultimamente em Viena... Dizem que faz milagres com jovens demasiado exaltadas...

Ariel – Quer dizer com mulheres histéricas, suponho...

Diretor – Vivemos tempos estranhos, sabia...? A decadência está por todo o lado, até na pintura.

Ariel – Exatamente o que eu dizia, não passa de um velho reacionário... E a sua teimosia em não querer mudar nada pode acabar por provocar uma catástrofe à escala mundial.

Diretor – Mas, minha senhora... como poderia esse pobre rapaz, que não parece propriamente um génio, matar tanta gente?

Ariel – Provocando uma guerra mundial, simplesmente.

Diretor – Uma guerra mundial? Seria a primeira...

Ariel – Na verdade, será a segunda... A primeira começará dentro de sete anos, em 1914. E a segunda em 1939.

Diretor – É certo que vivemos tempos turbulentos, mas mesmo assim... Duas guerras mundiais em menos de trinta anos... Está a exagerar.

Ariel – E pensar que esse imbecil esteve prestes a afogar-se quando tinha quatro anos...

Diretor – Quem?

Ariel – Hitler! Caiu acidentalmente a um rio. Se um colega que passava por ali não o tivesse tirado da água, hoje não estaríamos aqui a discutir sobre a sua admissão na Academia.

Diretor – Então gostaria que esse pobre rapaz se tivesse afogado quando era criança, e agora quer que seja admitido na Academia, apesar de não ter qualquer talento para isso?

Ariel – Admita que é inquietante.

Diretor – O quê?

Ariel – O pouco que basta para que a História siga um rumo ou outro. Se a sua carruagem, ao perder uma roda, tivesse atropelado Hitler quando caminhava pelo passeio a caminho daqui, o problema estaria resolvido.

Diretor – De facto, parece que tem uma aversão particular por esse pobre rapaz...

Ariel – Um comboio que não parte a horas, e é um encontro perdido. Talvez uma história de amor que nunca chega a começar. Uma criança que não nascerá. E que talvez tivesse tido um destino excecional. Imagine que os pais de Albert Einstein nunca se tivessem conhecido...

Diretor – Albert quem?

Ariel – Um génio que rompeu com o academicismo científico do seu tempo e revolucionou a física moderna. Demonstrando, entre outras coisas, que, se alguém ultrapassasse a velocidade da luz, viajaria para trás no tempo.

Diretor – Tudo isso é absurdo. Se pudéssemos recuar no tempo, poderíamos mudar o curso da História e, portanto, modificar o futuro de onde diz vir. E se, na sua pequena viagem ao passado, em vez de atropelar Hitler, atropelasse acidentalmente com a sua carruagem o seu próprio avô materno quando era criança, então a sua mãe nunca teria nascido, e, por conseguinte, a senhora também não.

Ariel – E eu não poderia voltar ao passado para atropelar o meu avô... Essa é, de facto, a famosa paradoxa assinalada pelos maiores físicos...

Diretor – Sem chegar a matar o seu próprio avô, qualquer pequeno ato seu poderia, de forma indireta, alterar o curso da História e, com isso, colocar em risco a sua própria existência...

Ariel – Para evitar uma guerra mundial, estou disposta a correr esse risco. Mas, para isso, teria de aceitar a candidatura de Adolf Hitler...

Diretor – De maneira nenhuma... Tudo isso não passa de delírios.

Ariel – Como posso provar-lhe que venho realmente do futuro?

Ariel começa a caminhar nervosa pelo gabinete. Ao passar diante do espelho, Christian apercebe-se de que a imagem de Ariel não se reflete.

Diretor – Mas que prodígio é este...?

Ariel – O quê...?

Diretor – Volte aqui um instante...

Ariel coloca-se de novo em frente ao espelho.

Ariel – O espelho...

Diretor – Não reflete a sua imagem!

Ariel – Como se eu fosse apenas um holograma. O meu pensamento está aqui, mas o meu corpo continua lá, no século XXI...

Diretor – Então estaria, por assim dizer, dividida em duas...?

Ariel – Como aquelas partículas que podem estar em dois lugares ao mesmo tempo... desde que ninguém as observe. É a famosa experiência do Gato de Schrödinger, assim chamada pelo célebre físico que a concebeu em 1935.

Diretor – Perdão...?

Ariel – O fenómeno da superposição quântica! Enquanto uma partícula não for observada, pode estar potencialmente em dois lugares ao mesmo tempo. Só quando alguém a observa – o senhor, por exemplo, ou a minha mãe – ela aparece realmente num dos dois lugares e deixa de existir no outro.

Diretor – Mas isto é loucura... Além disso, como sabe tudo isso? É física? Pensava que era pintora...

Ariel – Não sei de onde me vêm esses conhecimentos sobre física quântica... No liceu, dormia nas aulas de ciências. E as minhas notas eram bastante medíocres.

Diretor – Pelos vistos, dormia apenas com um olho fechado...

Ariel – De qualquer forma, este espelho não reflete a minha imagem, e isso é um facto. Está convencido agora?

Diretor – Estou convencido de que enlouqueci, sim. Devo ter batido com a cabeça. Certamente o acidente com a minha carruagem foi mais grave do que pensava. Acreditei ter saído ileso, mas pode ser que, na realidade, esteja em coma...

Ariel – Quando alguém sonha e sabe que está a sonhar, isso significa que já não está a sonhar. Quando alguém está louco e sabe que está louco, isso significa que já não está totalmente louco.

Diretor – Acho mais provável que seja a senhora a estar a enlouquecer-me.

De repente, ouve-se o toque de chamada do telemóvel de Ariel.

Ariel – Mas...

Diretor – E agora, o que é isso?

Ariel mete a mão no bolso e tira o seu telemóvel.

Ariel – O meu telemóvel...

Diretor – Um telemóvel? Mas isso é impossível...

Ariel – O mais incrível é que esteja a tocar... quando acabei de recuar mais de um século no passado.

Diretor – E quem poderá ser...?

Ariel olha para o ecrã.

Ariel – É a minha mãe...

Diretor – Pois então atenda!

Ariel – Olá, mãe! Sim, sim, está tudo bem... Dizes que a minha voz está estranha...? Não, não, garanto-te. E tu, estás bem? Não notaste nada de estranho...? Não sei... Vamos ver... O Armstrong continua a ser o primeiro homem a pisar a Lua a 20 de julho de 1969? Armstrong! Não, não o trompetista, o astronauta... Enfim, não importa... Não, ainda estou aqui com o diretor. Aliás, tenho de desligar... Sim, ligo-te depois.

Guarda o telemóvel no bolso.

Diretor – Então, era a sua mãe.

Ariel – Queria saber se a entrevista tinha corrido bem e se fui admitida na Academia...

Diretor – Deduzo que, dentro de um século, as mulheres poderão candidatar-se às provas de admissão.

Ariel – Mas como é possível que consiga falar ao telefone com a minha mãe, se fui transportada para 1907? É estranho, não acha?

Diretor – Acha que isso é o mais estranho de toda esta situação? Caminhar sobre a Lua...? Está louca!

Ariel – Sim, começo a perguntar-me se não é uma hipótese a considerar, de facto.

Diretor – Além disso, esse aparelho... Esse telemóvel, como lhe chama... *É absurdo!* Nem sequer está ligado por um cabo, e quer fazer-me acreditar que lhe permite falar com a sua mãe...

Ariel – O mais estranho é que continua ligado à internet.

Diretor – Internet...?

Ariel – *Até tenho acesso ao Google!* Veja, vou mostrar-lhe... Escrevo "Adolf Hitler" e... voilà!

Ariel mostra-lhe o ecrã do telemóvel. Christian, horrorizado, observa as imagens que desfilam diante dos seus olhos.

Diretor – *Que horror! Isto é terrível...!*

Ariel – Isto é o que acontecerá se recusar a candidatura de Adolf Hitler à Academia de Belas-Artes de Viena...

Diretor – *Eu...?!*

Ariel – Espere, agora vou procurar "*Christian...*"

Diretor – Christian Griepenkerl.

Ariel – Veja! Ninguém se lembrará de si como pintor, mas ficará na História como o homem que desencadeou a Segunda Guerra Mundial.

Ariel lança um olhar furtivo ao ecrã.

Diretor – Suponhamos, por um instante, que acredito em si... Então, pode prever o futuro?

Ariel – O meu próprio futuro, não. Mas para mim, o seu futuro é o passado.

Diretor – Não tenho a certeza de querer saber o meu próprio destino. E muito menos a data da minha morte...

Ariel – Compreendo...

Diretor – Pode, pelo menos, dizer-me quem será considerado o maior pintor do século XX?

Ariel – Diria que... Picasso, sem a menor dúvida.

Diretor – Picasso...? Não me soa a nada... Pode mostrar-me um dos seus quadros?

Ariel digita no seu telemóvel.

Ariel – Tem a certeza...?

Ele acena com a cabeça, e ela mostra-lhe o ecrã. Christian fica estupefacto por um momento.

Diretor – Tem razão, isto só pode ser um pesadelo...

Ariel – Sim, ao lado de Picasso, o estilo de Egon Schiele pareceria quase académico...

Diretor – E suponho que não há maneira de impedir tudo isto.

Ariel – Evitar a chegada do cubismo? Seguramente não. Mas pense na responsabilidade que pesa sobre si... Se recusar a candidatura de Adolf Hitler, isso alimentará nele um rancor mortal. Acabará por fundar o partido nazi. Tomará o poder na Alemanha e lançará o mundo no caos.

Diretor – E se eu lhe permitir entrar na Academia...?

Ariel – O que tem a perder? No pior dos casos, será apenas mais um mau pintor... Mas será um homem em paz, que realizou o seu sonho. E o senhor terá salvado a Humanidade!

Diretor – Não é assim tão simples, receio... Essa terrível história já aconteceu, pois a senhora conhece-a. Então, se mudarmos o passado, mudamos a História ou apenas criamos uma História alternativa? Uma História que, quem sabe, pode ser ainda pior do que a primeira...

Ariel – Pior...? O que poderia ser pior do que o Terceiro Reich?

Diretor – Não sei... Um Terceiro Reich que durasse mil anos, talvez. Quanto tempo durou aquele de que fala?

Ariel – Doze anos.

Diretor – Deduzo que esse Hitler não ganhou a guerra mundial de que fala.

Ariel – Não, de facto... No fim, perdeu. As forças do bem acabaram por vencer.

Diretor – Quem sabe, se Hitler se tornar pintor, talvez alguém mais inteligente do que ele tome o poder na Alemanha e conduza essa guerra. E desta vez, as forças do mal podem sair vitoriosas...

Ariel – Vou perguntar ao ChatGPT sobre isso também...

Diretor – ChatGPT...? E que diabo é isso?

Ariel – Uma inteligência artificial.

Diretor – Quer dizer que essa máquina é mais inteligente do que a senhora?

Ariel – Em qualquer caso, sabe mais do que eu.

Ariel digita algo no seu telemóvel e observa o ecrã.

Diretor – E então...?

Ariel – É a teoria dos multiversos. Vários mundos alternativos coexistindo em dimensões diferentes do universo. Talvez uma infinidade deles. Abrangendo todas as possibilidades...

Christian parece completamente aturdido.

Diretor – Tudo isto é absolutamente descabido... Olhe, parece-me uma jovem inteligente, mas um tanto exaltada.

Ariel – Quer dizer completamente louca?

Diretor – Em qualquer caso, claramente muito obcecada com a sua mãe... Se me permite um conselho, minha senhora, comece por se libertar do controlo da sua mãe antes de querer salvar o mundo. Mesmo que esse telefone não tenha fio, corte o cordão!

Ariel – Acha que se trata disso? Um delírio de onnipotência? Quero matar Hitler, mas, na verdade, o que quero é livrar-me da minha mãe?

Diretor – Quer deitar-se nesse divã e contar-me tudo...?

Ariel – Receio que isso possa levar anos...

Diretor – Tem razão... O doutor Freud mora a poucas ruas daqui. Se quiser, posso dar-lhe o endereço dele.

Ariel – Além disso, se tudo isto não passa de um sonho... talvez eu nem viva em Viena. E talvez nem sequer seja pintora. Ou pior ainda... Será que eu existo realmente?

Diretor – De qualquer forma, não posso ceder aos seus caprichos. Esse jovem Hitler não é digno de entrar na nossa prestigiada escola, e ponto final.

Ariel – Então, não me resta outra opção senão matá-lo. É a escolha mais segura.

Diretor – Está a brincar...

Ariel – Diz que ele vai chegar a qualquer momento... e não tem razão alguma para suspeitar de mim, já que ainda não cometeu nenhum crime. O problema é que eu também nunca matei ninguém. Poderia ajudar-me?

Diretor – Mas eu também nunca matei ninguém! E não vou começar hoje com um candidato, por muito medíocre que seja o seu dossiê...!

Ariel – Não tenho uma arma comigo. *(Olha para a secretária e agarra um abre-cartas.)* Este abre-cartas servirá. Apontando para a carótida... Finalmente, as minhas aulas de anatomia servirão para alguma coisa.

Diretor – Mas a senhora está completamente louca!

Ariel – Não compreende?! Trata-se de salvar a vida de cem milhões de inocentes. Incluindo seis milhões de judeus exterminados nos campos de concentração apenas por terem nascido judeus!

Diretor – Salvar inocentes matando outros preventivamente...?

Ariel – Só matarei um, não se preocupe...

Diretor – Imagino que um líder político não basta para desencadear uma guerra mundial. Também precisa de cúmplices. Vai matá-los todos... preventivamente?

Ariel – Não sei...

Diretor – E esse ditador, Hitler, tomou o poder com um golpe de Estado?

Ariel – Depois de ser eleito, infelizmente.

Diretor – Então, também seria necessário matar todos os seus eleitores... preventivamente. Está a pensar exterminar metade do povo alemão para evitar uma guerra?

Ariel – Já não sei... Não... Vou limitar-me a eliminar Hitler, suponho.

Diretor – Um crime continua a ser um crime, senhorita Tannenbaum. Se começássemos a eliminar antecipadamente todos os que poderiam prejudicar a Humanidade, nunca acabaríamos. Além disso, não é precisamente esse eugenismo que pretende combater...?

Ariel – De acordo, mas aqui não estamos a falar de uma probabilidade, estamos a falar de um futuro certo. *Eu sei, porque venho de lá!*

Diretor – De qualquer forma, não posso ser cúmplice de semelhante atrocidade.

Ariel parece recuperar um pouco a calma.

Ariel – Seguramente tem razão... No fim de contas, aceito esse copo de água. E depois irei embora, prometo...

Christian sai. Ouve-se uma música dramática. Ariel, de memória, rabisca febrilmente um retrato de Christian Griepenkerl e coloca-o no dossiê de Hitler. A música cessa. Christian regressa.

Diretor – Aqui tem o seu copo de água.

Ariel bebe.

Ariel – Vou-me embora, mas, por favor... Reveja o dossiê mais uma vez...

Christian abre novamente o dossiê e vê o desenho.

Diretor – Ora, não tinha reparado neste esboço...

Ariel – Mas se é um retrato seu...

Diretor – Ah, sim, de facto. E devo admitir que está muito bem feito.

Ariel – Reflete uma grande capacidade de observação da natureza humana. Conseguiu captar a sua essência, é evidente. A sua genialidade oculta sob essa aparência modesta. O seu carisma tingido de benevolência...

Christian parece lisonjeado por um instante, mas logo se recompõe.

Diretor – Bom, chega. Terá de sair, minha senhora. Cumprimentei o jovem Hitler enquanto ia buscar-lhe o copo de água. Está à espera no gabinete da minha secretária. E depois de tudo o que me disse sobre as suas intenções criminosas, prefiro que não se cruzem...

Ariel – Vou-me embora. Não sei para onde, mas vou...

Ariel sai. Christian volta a olhar para o desenho com uma expressão perplexa. Ouvem-se batidas na porta.

Diretor – Entre!

Escuridão.

Cena 3

Luz.

Ariel está adormecida numa cadeira. Acorda, desorientada, e examina o local. O computador reapareceu sobre a secretária. E o retrato do imperador Francisco José foi substituído por um retrato de Donald Trump, que poderia ter um pequeno bigode semelhante ao de Hitler. Ariel mal tem tempo de se surpreender. O mesmo homem entra em cena, desta vez vestido num estilo contemporâneo.

Diretor – Peço desculpa pela demora. Tive um furo a caminho e não tinha pneu suplente. Tive de chamar um Uber para chegar até aqui.

Ariel – Um Uber...? Então já não estamos em 1907...

Diretor – Em 1907? Que ideia tão estranha... Por que razão estaríamos em 1907?

Ariel – Perdoe-me... Devo ter tido um pesadelo. E... o senhor é o diretor da Academia de Belas-Artes, certo?

Diretor – Parece que está surpreendida... Mas tínhamos encontro marcado, não? Para avaliar a sua candidatura...

Ariel – Claro! Não, eu... Desculpe, dormi muito mal.

Diretor – Muito bem, vejamos...

Ariel estende-lhe a sua pasta de desenhos e ele abre-a. Examina os desenhos um a um, sem dizer nada, com uma expressão circunspecta. Ariel parece um pouco inquieta.

Ariel – Posso mostrar-lhe outros, se preferir...

Diretor – Não, não... É que... O estilo não é muito convencional, evidentemente, mas... tem um bom traço.

Ariel – Não muito convencional...?

Diretor – Sabe que voltámos a um certo academicismo... E tenho de prestar contas aos meus superiores.

Ariel – Então, classificaria o meu estilo como...?

Diretor – Sem chegar ao ponto de falar de *arte degenerada*, tudo isto não se enquadra propriamente nos princípios estéticos e morais da nossa Academia.

Ariel – Princípios morais...?

Diretor – Os nus já não são permitidos, minha senhora. Não sabia?

Ariel – Isto é outra brincadeira, não é...? A menos que este pesadelo continue...

Diretor – Um pesadelo...?

Ariel – Sonhei que estava exatamente neste gabinete, em 1907, quando rejeitaram a candidatura de Adolf Hitler.

Diretor – Adolf quem?

Ariel – Adolf Hitler! De certeza que o conhece...

Diretor – Não... Deveria?

Ariel olha em volta e repara no retrato de Donald Trump.

Ariel – Tem um retrato de Donald Trump no seu gabinete...?

Diretor – É o primeiro Presidente dos Estados Unidos do Mundo Livre. Não me diga que não sabia...

Ariel – Estados Unidos do Mundo Livre...?

Diretor – E a Áustria orgulha-se de ser o estado número 74.

Ariel – Então... mudei realmente o curso da História.

Diretor – Tem a certeza de que se sente bem, minha senhora?

Ariel – Não... Para ser sincera, sinto-me um pouco tonta.

Diretor – Sente-se, vou buscar-lhe uma Coca-Cola.

Ariel – Preferia um copo de água, se não se importa.

Diretor – Água? Que ideia tão estranha... Mas, minha senhora, ninguém bebe água há muito tempo nos Estados Unidos do Mundo Livre.

Ariel – E porquê...?

Diretor – Porquê? Minha senhora, se quer ter alguma hipótese de se tornar artista neste país, aconselho-a a apagar a palavra "porquê" do seu vocabulário...

O diretor sai. Ariel senta-se, completamente atónita. Consulta o ecrã do telemóvel e digita no teclado.

Ariel (desmoronada) – Não... A Segunda Guerra Mundial nunca aconteceu... mas Donald Trump é o Presidente vitalício dos Estados Unidos do Mundo Livre.

Continua a consultar o ecrã do telemóvel. O diretor regressa. Ariel olha para ele. Ele aponta-lhe algo que parece um taser.

Diretor – Lamento, minha senhora. Tentei interceder por si, mas tenho ordens... E não podemos tolerar comportamentos tão desviantes na nossa Academia...

Aperta o gatilho. Ariel desaba.

Escuridão.

Cena 4

Luz.

Ariel acorda novamente. Continua a usar o seu gorro, escondendo a sua cabeleira ruiva. Olha à sua volta. O quadro de Egon Schiele e o computador voltaram ao seu lugar. O diretor entra, vestido exatamente como antes.

Diretor – Peço desculpa pela demora. Tive um furo a caminho e não tinha pneu suplente. Tive de chamar um Uber para chegar até aqui.

Ariel – Não me atrevo a perguntar-lhe em que ano estamos... nem se já ouviu falar de Adolf Hitler.

O diretor parece evidentemente surpreendido.

Diretor – Sente-se bem, minha senhora? Parece um pouco perturbada...

Ariel – Não, não, está tudo bem, garanto-lhe...

Diretor – Então, a senhora é a senhorita...

Mira a lista sobre a sua secretária.

Ariel – Tannenbaum... Ariel Tannenbaum...

Diretor – Exatamente.

Ariel – Não tem nada contra as mulheres... nem contra os judeus.

O diretor volta a mostrar-se desconcertado.

Diretor – O nosso único critério de seleção é puramente artístico, pode ficar tranquila... Mostra-me o seu portefólio...?

Ariel – Claro.

Ariel entrega-lhe a sua pasta de desenhos e ele examina-os. Ela observa as suas reações com ansiedade, mas o diretor mantém-se primeiro impassível.

Diretor – Diga-me uma coisa, estes desenhos são excelentes.

Ariel – Então, não acha que seja arte degenerada?

Diretor – Tem um estilo muito pessoal, sem dúvida. Mas é precisamente isso que procuramos nos nossos estudantes nesta Academia. A técnica é a nossa missão ensiná-la, mas o talento não se aprende. Estamos aqui para acompanhar os artistas, não para formar pintores de paredes.

Ariel – Imagino que foi por isso que a Academia rejeitou, na altura, a candidatura de Adolf Hitler.

O diretor volta a mostrar surpresa.

Diretor – Em todo o caso, acho que não corro grande risco ao dizer que aceitaremos a sua.

Ariel – Ainda bem! Porque o senhor sabe tão bem quanto eu que, quando a Academia de Belas-Artes de Viena rejeita um candidato, fica sempre a dúvida sobre o que ele fará depois...

Diretor – Justamente esta manhã falava disso com um colega do júri. Uma das nossas candidatas, que já é uma excelente pintora, é também uma génio da matemática. E se, ao abrir-lhe as portas da nossa Academia, estivermos a privar a Humanidade do próximo Einstein...?

Ariel – Não se preocupe, no meu caso, sou péssima a matemática...

Diretor – Certamente temos uma grande responsabilidade. Rejeitar um candidato pode empurrá-lo para os piores extremos. Mas aceitá-lo também pode desviá-lo de um futuro que talvez fosse muito mais brilhante...

Ariel – De facto, o destino de cada um de nós é o resultado de uma série de escolhas.

Diretor – As nossas próprias escolhas, mas também as dos outros.

Ariel – E o destino da Humanidade é a soma de todos esses destinos individuais.

Diretor – Mas como ter a certeza de que aquilo que hoje nos parece a melhor escolha não terá amanhã consequências catastróficas?

Ariel – E, pelo contrário, os fracassos mais estrondosos por vezes abrem caminho para ascensões fulgurantes...

Diretor – Se Hitler tivesse passado na prova de admissão à Academia, provavelmente nunca se teria tornado o pior ditador da História.

Ariel – E se Donald Trump não tivesse falhado na indústria do jogo, provavelmente nunca teria chegado a Presidente dos Estados Unidos...

Diretor – Não teria visto o mundo como um casino... e não teria feito com a América o mesmo que fez com Atlantic City: arruinar os investidores que ingenuamente confiaram nele e desaparecer sem pagar as dívidas.

Ariel – Mas, no fundo, não será o mundo um gigantesco casino? O ser humano escolhe os números nos quais aposta, mas é o acaso que decide se o número sai ou não.

Diretor – Então, a liberdade não passaria de uma ilusão...? A decisão de confiar num acaso em vez de noutro...

Ariel – E o acaso existe realmente? "Deus não joga aos dados", dizia Einstein.

Diretor – Essa é a hipótese determinista, que exclui por completo a noção de livre-arbítrio.

Ariel – E, portanto, qualquer responsabilidade ou culpa.

Diretor – Até as nossas próprias decisões individuais seriam o resultado inevitável de causas que não controlamos.

Ariel – Não me consigo resignar à ideia de que não somos mais do que robots com um comportamento programado de antemão.

Diretor – Robots, sim, mas dotados de consciência, o que nos torna espectadores da nossa própria vida.

Ariel – De qualquer forma, uma vez que tomamos uma decisão, não há volta atrás.

Diretor – Pode-se sempre mudar de opinião.

Ariel – O que constitui outra decisão, mas que não anula a primeira.

Diretor – Então, seríamos apenas marionetas movidas por fios invisíveis e manipuladas pelo destino, representando uma tragédia inevitável sobre a qual não temos qualquer controle, uma vez que, no final, só temos uma opção?

Ariel – A menos que possamos viajar no tempo.

Diretor – Viajar no tempo?

Ariel – Voltar ao passado para modificar as nossas decisões.

Diretor – Mas isso não é possível, pois não?

Ariel – Não, claro. Exceto nos sonhos...

Diretor – Vejo que se interessa por filosofia, minha senhora...

Ariel – Tal como as religiões, até agora as filosofias só ofereceram aos tolos uma visão do mundo compatível com a sua mentalidade estreita.

Diretor – Ao contrário da ciência, as questões colocadas pela filosofia não estão destinadas a ficar sem resposta?

Ariel – Se as perguntas dos filósofos não têm resposta, é porque estão mal formuladas. Os filósofos tentam compreender o mundo a partir do seu próprio quadro de referência antropocêntrico. Como o homem nasce e morre, tudo o resto também deveria nascer e morrer. O universo deveria ter um princípio e um fim. E porque o homem acredita dar sentido à sua vida ao estabelecer objetivos, o universo também deveria ter um propósito. Não deveríamos, em vez disso, reconsiderar a nossa humanidade à luz do que começamos a entrever sobre os mistérios do universo?

Diretor – A maioria das pessoas, infelizmente, prefere confiar em Deus do que na ciência. É muito menos cansativo...

Ariel – Um Deus que nos teria criado para estarmos no centro de tudo.

Diretor – Segundo a Bíblia, Deus criou primeiro a Terra e depois alguns corpos celestes à sua volta, como mera decoração.

Ariel – Mas se temos a impressão de estar no centro do universo, é porque a nossa miopia só nos permite ver um fraco halo à nossa volta. A maior parte do universo continua inacessível aos nossos olhos. E o universo expande-se a tal velocidade que a luz dos seus confins nunca chegará até nós.

Diretor – "O silêncio eterno desses espaços infinitos" já aterrorizava Blaise Pascal.

Ariel – O que a religião nos ensina é o egocentrismo e a cegueira. O que a ciência nos ensina é a humildade e a curiosidade.

Pausa.

Diretor – Começo a perguntar-me se, ao aceitá-la nesta Academia de Belas-Artes, não estarei a privar o mundo de uma grande filósofa... Talvez aquela que revolucionará o pensamento do século XXI... Não gostaria de ser também eu responsável por uma vocação frustrada.

Ariel – É verdade que... se combinarmos os fenómenos de superposição e entrelaçamento quântico e os extrapolarmos para um estado macroscópico, podemos esboçar uma teoria da consciência. Ou seja, a permanência daquilo a que os filósofos ou os padres chamam pomposamente de alma. Existo aqui porque estou aqui para constatar a minha existência.

Diretor – "Penso, logo existo", dizia Descartes...

Ariel – E quando eu morrer, no momento em que os outros constatarem a minha ausência, instantaneamente começarei a existir noutros céus, para outros olhos.

Diretor – Então, como o gato de Schrödinger, estaríamos permanentemente vivos aqui e mortos noutra lugar? E vice-versa...

Ariel – Falta saber se essas duas versões de nós mesmos podem comunicar entre si. Mas talvez isso fosse ir demasiado longe, não acha...?

Diretor – Confesso que tudo isto me deixa tonto... Tem mesmo a certeza de que não quer dedicar-se à ciência?

Ariel – Também podemos considerar a arte como uma forma de questionar o mundo. E se não existissem vocações frustradas? E se estivéssemos destinados a interpretar todos os papéis? Se, para citar Baudelaire, fôssemos todos, sucessivamente, a vítima e o carrasco?

Diretor – Pois bem, minha senhora, convenceu-me. Bem-vinda a esta Academia! Parabéns pelo seu espírito independente e pela sua grande maturidade.

Ariel – Obrigada! A minha mãe vai ficar encantada!

O diretor parece surpreendido por esta última observação. Entrega-lhe um formulário.

Diretor – Deixo-lhe esta ficha para preencher, volto já.

Ariel pega na folha e tira uma caneta. O diretor sai. Ariel começa a preencher o formulário. O seu telemóvel toca. Atende com um entusiasmo que contrasta com a irritação mostrada em chamadas anteriores.

Ariel – Olá, mãe! Estou tão feliz por te ouvir! (*Percebe-se que a mãe se surpreende com o entusiasmo dela.*) Não, garanto-te, estou perfeitamente bem... Sim, já está, fui admitida! Sim, eu também... Sim, amanhã conto-te tudo em detalhe... Um beijo. (*De repente, vê o calendário sobre a secretária e detém-se.*) Mãe! Só uma pergunta rápida... Em que ano estamos exatamente? (*Parece desconcertada com a resposta.*) Ah... Mas os Rolling Stones continuam a ser a maior banda da história do rock, não...? Não, não os Beatles, os Rolling Stones! Não conheces os Rolling Stones...? Bom, falamos de tudo isto na sexta-feira...

Guarda o telemóvel. O diretor regressa. Instintivamente, tira o gorro, revelando a sua cabeleira ruiva. O diretor parece perturbado.

Diretor – Lamento muito, minha senhora, mas afinal não podemos aceitar a sua candidatura.

Ariel – E porquê?

Diretor – Tinha-me escondido que é ruiva...

Ariel – E então?

Diretor – Mas, minha senhora... as ruivas não são admitidas na Academia de Belas-Artes de Viena.

Ariel fica atónita.

Escuridão.

Cena 5

Luz.

Ariel acorda novamente e olha à sua volta. Desta vez, na parede, está pendurado um retrato dela própria. No retrato, com uma pose marcial, usa uma peruca ruiva e um uniforme adornado com medalhas. O diretor entra, também vestido com uniforme, e faz-lhe uma saudação militar, batendo os calcanhares com firmeza.

Diretor – Senhora...! Estou às suas ordens...

Ariel – Mas... quem é o senhor?

Diretor – Sou o seu chefe do Estado-Maior, senhora Presidente! O nosso exército está pronto. Só aguardamos a sua aprovação para invadir a Polónia.

Ariel, primeiro desconcertada, tenta manter a compostura.

Ariel – Claro... Quer dizer... Terei de falar sobre isso com a minha mãe, não acha...?

Escuridão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Março de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-329-3

Documento para download gratuito